



ANAIS DO XXXII COLÓQUIO CBHA 2012

DIREÇÕES E SENTIDOS DA HISTÓRIA DA ARTE

Organização

Ana Maria Tavares Cavalcanti

Emerson Dionisio Gomes de Oliveira

Maria de Fátima Morethy Couto

Marize Malta

Universidade de Brasília

Outubro 2012



A crítica de arte de Ramalho Ortigão e a pintura oitocentista portuguesa

Maria do Carmo Couto da Silva

Pós-Doutoranda em História da Arte pela FAU/USP;

Bolsista da FAPESP.

Resumo: O escritor português José Duarte Ramalho Ortigão (1836-1915) nos deixou muitos textos sobre arte, como aqueles reunidos no livro *A arte portuguesa*, objeto de nosso estudo. Figura de especial importância para a compreensão da crítica de arte portuguesa do século XIX, seus textos são fundamentais para o estudo das relações artísticas entre Portugal e Brasil.

Palavras-chave: Pintura Portuguesa – século XIX
- José Duarte Ramalho Ortigão – Crítica de arte portuguesa

Résumé: L'écrivain portugais José Duarte Ramalho Ortigão (1836-1915) nous a laissé nombreux écrits sur l'art, comme ceux qui nous pouvons retrouver groupés dans le livre *L'art portugais*, objet de notre étude. Étant une grande personnalité, d'une particulière importance, il nous a permis de mieux comprendre l'art portugais du XIXe siècle, ses textes sont essentiels pour l'étude des relations artistiques entre le Portugal et le Brésil.

Mots-clés: Peinture Portugais - XIXe siècle - José Duarte Ramalho Ortigão - Critique de l'art portugais

O escritor português José Duarte Ramalho Ortigão (1836-1915) deixou em seu legado muitos escritos sobre a arte, como aqueles reunidos no livro *A arte portuguesa*, de que trataremos em nossa comunicação.

Figura de especial importância para a compreensão do cenário oitocentista de seu país, seus textos favorecem a análise das relações artísticas entre Portugal e Brasil no século XIX.

A crítica de arte escrita por Ramalho Ortigão a respeito de algumas obras de arte do pintor português José Malhoa, de 1906, que seriam expostas nesse mesmo ano em mostra no Rio de Janeiro, nos permite repensar a importância deste artista no cenário português e brasileiro do período, como destaca Luciano Migliaccio (c.2008, n.p.). Ramalho Ortigão foi um dos primeiros a comentar a obra de Malhoa no Brasil, em texto publicado na *Gazeta de Notícias*, em 1880. Para Ortigão, a obra de Malhoa “*seria um traslado fiel da vida rural, lembrando a epopeia de Constantin Meunier consagrada à glorificação do trabalho industrial na Bélgica*”. (id.lbid.)

Ramalho Ortigão foi um intelectual bem conhecido no Brasil e desde o final da década de 1870, redigiu a coluna *Cartas Portuguesas*, publicada pela *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro durante décadas. Em suas

colaborações para o jornal brasileiro o autor tratou de assuntos variados como política, artes plásticas, literatura e história de Portugal. Como nota João Carlos Zan (2009, p.108), podemos pensar que os escritos de Ramalho Ortigão influenciariam toda uma nova geração de escritores brasileiros como Luiz Murat, Pardal Mallet e Olavo Bilac, autores que também escreveram sobre questões da arte brasileira.

O escritor sobressaia-se por sua aparência e foi descrito por Eça de Queiroz em texto publicado na *Gazeta de Notícias* como um dândi: *“Eu conheci-o antes das Farpas, já tinha então as qualidades eminentes de corpo e de coração: era forte, era são, era bom, era alegre; mas dos cabellos aos bicos dos sapatos, era, em cada polegada, um litterato, mais – era um janota. O chapéu Panama era exato.”*(QUEIROZ, 1878, p.1). Em outro comentário, ele apresenta o seu caráter: *“tem vivido com honra e trabalhado com valor”* e nos fala que ele *“ não é bacharel e tem saúde”* (Id. *ibid.*).

Em nossa comunicação procuraremos analisar a visão particular acerca do campo artístico do final do século XIX e começo do XX presente nos escritos de Ramalho Ortigão. É preciso lembrar que ele abordou com frequência a produção de pintores portugueses ligados ao Grupo do Leão. Destacamos ainda que várias obras destes artistas portugueses, no começo do século XX, passaram a compor a Galeria da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, hoje Museu Nacional de Belas Artes.

Uma primeira aproximação aos escritos de Ramalho Ortigão

Em nosso mestrado encontramos uma crítica de arte de Ramalho Ortigão publicada em um artigo da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, em 27 de novembro de 1878, assinado pelo crítico português Ramalho Ortigão (SILVA, 2005, p.35), uma das principais figuras ligadas ao realismo em seu país. Ele abordava a seção italiana da Exposição Universal de 1878, em Paris e destaca entre os trabalhos apresentados o grupo escultórico *Edoardo Jenner experimenta em seu filho a inoculação da vacina* (1873), pelo qual o escultor italiano Giulio Monteverde¹ tornou-se muito conhecido. (Figura 1)

A obra tem por tema o cientista que sacrifica o próprio filho, em nome da Ciência. Ligava-se dessa forma às ideias do Positivismo, no culto à ciência e ao progresso. Para o crítico a arte para se renovar deveria voltar-se ao povo e assim tornar-se liberta dos rígidos modelos acadêmicos:

A Italia é de todos os paizes modernos aquella em que a arte é mais particularmente guiada e protegida pelo Estado. A exposição de arte italiana encerra esta importante ainda que um pouco triste lição: que os governos são absolutamente impotentes para determinarem directamente em uma sociedade a revivescencia do sentimento artístico. A arte obedece ás leis geraes da natureza. É um producto social, que tem a sua phase de desenvolviment, o seu periodo de virilidade, a sua velhice, a sua decadencia e o seu termo. **Só impulso geral de um**

¹ Giulio Monteverde nasceu em Bistagno, estudou e trabalhou com o escultor Santo Varni em Gênova. Em 1865, recebeu um pensionato de aperfeiçoamento em Roma e rapidamente fez carreira na cidade, tornando-se conselheiro comunal em 1880 e senador do Reino nove anos depois. Recebeu durante a sua vida inúmeros títulos, como o de *Commendatore della Corona d'Italia*, da *Ordine di Francesco Giuseppe d'Austria* e do *Kedivè d'Egitto*, *Ufficiale della Legion d'onore*, *Cavaliere dell'ordine civile de Savoia*, foi sócio de quase todas as associações artísticas da Itália, membro correspondente do Instituto de França e da Real Academia de Belas Artes da Bélgica, entre outros.



Figura 1 - Giulio Monteverde. *Edoardo Jenner experimenta em seu filho a inoculação da vacina*, 1873, gesso, 135 x 103 x 92 cm, Genova, Galleria d'Arte Moderna.

povo tem o poder de suscitar um renascimento esthetico. É o povo portanto que os artistas devem interrogar para descobrir o novo caminho que são chamados a percorrer, a intervenção acadêmica e dogmática não fará senão affastá-los cada vez mais do seu destino progressivo.²

Para tanto, é preciso que o artista apresente uma nova postura, buscando originalidade de concepção e de estilo. Segundo Ortigão, *Jenner*, de Monteverde é uma “*excepção luminosa e brilhante (...) um pobre cirurgião d’aldeia, sentado n’uma cadeira, com a lanceta em punho, as pernas cruzadas, um pé sobre o outro, experimenta a*

² ORTIGÃO, Ramalho. Notas de Viagem: as nações artistas. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, ano 4, n.328, p.1, 27 nov. 1878. Grifo nosso.

vacina que acaba de descobrir inoculando-a no braço de seu filho.” (Id. *ibid.*).

Para o mesmo autor, a atitude da criança nua colocada sobre os joelhos do pai e debruçada sobre o seu braço esquerdo é cheia de naturalidade e graça. A ação do cientista, de uma simplicidade grandiosa, exprime admiravelmente a concentração de seu espírito, a convicção de sua inteligência, a decisão de sua vontade. Para ele, o mais tocante na obra é o clima de intimidade doméstica que apresenta e, sobretudo o tema, que tem um amplo sentido social:

Entre tantas estatuas de reis, de príncipes, de papas, de guerreiros, é summanamente consolador o encontrarmos defronte da admirável imagem do descobridor da vaccina a ocasião de nos inclinarmos reverentemente e reconhecidamente aos pés de um homem útil, que nunca teve no mundo nem um altar, nem um throno e que todavia dominou um dos maiores flagellos da natureza, em vez de dominar o homem, espingardeando-o ou corrompendo-o.³

A arte portuguesa

O livro *Arte Portuguesa* (primeira edição de 1896), reeditado pela Livraria Clássica Editora, em 1943 (2 volumes) e em 1947 (3º volume) nos dá uma boa aproximação ao pensamento sobre arte de Ramalho Ortigão.

Um texto referencial para isso é “*Uma polémica – O concurso de pintura na Academia das Belas Artes*”, em que o autor comenta os trabalhos de três jovens pintores: Arthur Loureiro, Columbano Bordalo Pinheiro e Ernesto Condeixa.

³ Id. *ibid.*

Para o autor a melhor obra é a de Loureiro, um quadro que tem como tema uma paisagem ao sol. O motivo para o elogio é a ausência em sua obra de um defeito capital das pinturas portuguesas apresentadas na exposição de Paris: que “*não têm a cor do sítio, falta-lhes o carácter nacional*” (ORTIGÃO, 1947, p.12). O crítico nota que Loureiro em sua pintura, criou uma:

atmosfera absolutamente nítida, sem poeira e sem névoa, sob o azul intenso do céu de outono em Lisboa, um verdadeiro banho de azul. Nada mais raro nos quadros que nos habituamos a ver! (...) No outono, depois de limpa a atmosfera pelas primeiras chuvas, a luz de Lisboa é efectivamente azul, do azul mais intenso.⁴

O autor comenta que nos quadros dos outros dois autores não há diferenças formais entre uma paisagem na Extremadura portuguesa ou do norte da França. Por exemplo, no quadro de Columbano o autor comenta que o artista utilizou um efeito de tinta: “*o primeiro plano do seu quadro é um lodaçal oleoso (...) as árvores baças, desbotadas, um pouco delidadas, parece terem passado por uma primeira fervura destinada a reduzi-las a esperregado.*” (ORTIGÃO, 1947, p.10) Mas, o ponto principal, a nosso ver, é o registro dos tipos humanos regionais, de forma que ainda sobre o mesmo quadro comenta o crítico:

sobre a papa que, à minha vista, constitui o primeiro plano de seu quadro, está deitado um rapaz que é em toda a composição o que mais me aflige, porque ele é louro como um grão de milho, de pernas e pés nus, tem a pele branca de um saxônio, e está vestido como um pequeno pescador napolitano. A presença de um tal individuo em Lisboa, em plena real tapada da Ajuda, enche de confusão toda a

⁴ ORTIGÃO, Ramalho. Arte Portuguesa: crítica e polémica. Lisboa: Livraria Clássica, 1947. v.3, p.13.

etnologia de que eu posso dispor para explicar esse fenômeno. Em Portugal o povo do termo de Lisboa não dá semelhante produto.⁵

No quadro de Loureiro o registro é mais fiel para o crítico: a figura feminina deitada sobre o terreno, no primeiro plano, “*não é uma convenção, não é um acessório, é um complemento da paisagem*” (ORTIGÃO, 1947, p.15). O pintor teria representado uma moça do povo, “*uma operária, uma cefeira que descansa, deitada de bruços, com os cotovelos no chão, as faces apoiadas nas duas mãos, olhando para o espectador. É a figura autêntica da plebe dos campos, estúpida, pacífica, mansa e feia.*” (Id. Ibid., p.15-16)

É neste mesmo sentido que o artista irá fazer o elogio às paisagens portuguesas de Silva Porto: “*há essa profunda luz extraordinariamente brilhante, de uma palpitação intensa, que envolve tão caracteristicamente as margens do Tejo, banhando de um esplendor radiante as colinas que o cercam.*” (ORTIGÃO, 1947, p.43). Além disso, é por meio da vegetação representada pelo artista que se sente a atmosfera local:

o cheiro do torrão. É bem aquela a região dos pomares com as suas árvores pequenas, roliças, bem aparadas, as pereiras e o pecegueiros na encosta abrigados do vento norte, os limoeiros em trepadeira acholchetados ao muro. É bem aquela a região das hortas ajardinadas, com os talhões de couve e os caniçados de feijão, debruados de roseiras, de dalias e de moitas de alfasema, sobre as quais adejam os zumbidos das abelhas e as esfusiadas turtuosas das borboletas cor de palha.⁶

⁵ Id. Ibid., p.10-11.

⁶ RAMALHO Ortigão. *Arte Portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1947, p.43.



Figura 2 - SILVA PORTO, António. *Na Cisterna*, c.1881, óleo s/ papel, 42,5 x 56,5 cm, Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas Artes.

Ramalho Ortigão prevê muito sucesso para o artista quando ele tiver viajado e conhecido Portugal e anotado as variações e diferenças regionais: “*ele terá dado a paisagem portuguesa as notas proeminentes e terá lançado as bases da renascença na pintura nacional*”⁷.

Malhoa é também merecedor da atenção do crítico, desde seus tempos de jovem artista, e destaca-se como um artista que trabalha com habilidade a luz. É nestes parâmetros que ele descreve *A parreira*:

Debaixo de um parreiral, onde a cepa braceja ainda com pouca folha na verdura tenra da primeira seiva e através do sol em grandes manchas intensas orladas pelo recorte das folhas, corre a água num velho tanque de pedra musgosa; uma mulher agachada estende a corar

⁷ Ibidem, p.44.

na erva os ensaboados de linho branco e de chita azul e vermelha, enquanto que ao fundo, uma verdura densa e escura de pomar exalta no efeito do primeiro plano a faixa de ar quente, a doce polvilhação do Sol descoberto e quase a prumo num dia límpido e calmo.⁸

Para o autor, o artista possui uma fatura rápida e frescor de impressão, que dá ao espectador uma impressão de saudade “*porque não há ninguém que numa certa primavera de sua vida não tenha passado por sorrindo por um sítio parecido com aquele.*”⁹

O breve comentário sobre a crítica aqui apresentada nos permite perceber alguns pressupostos do pensamento de Ramalho Ortigão acerca da modernidade na pintura portuguesa do final do século XIX e especialmente sua importância para a compreensão da geração de artistas que desponta nesse período em Portugal. Os pontos que o crítico destaca em seus escritos, como a exigência de uma observação fiel da paisagem e dos hábitos da população local, de grande cunho regionalista, a nosso ver, é o começo de um processo que encontrará fortuna nas décadas posteriores. É importante ressaltar que a publicação constante de textos de Ortigão na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, provavelmente influenciou muito a nossa crítica de arte e também a produção de artistas brasileiros que lhe foram contemporâneos.

Referências bibliográficas:

MIGLIACCIO, Luciano. Malhoa e o Brasil. [S.l., s.n.], c.2008.

⁸ Id. *Ibid.*, p.90.

⁹ Id. *Ibid.*, p.90.

QUEIROZ, Eça de. Ramalho Ortigão (Carta a Joaquim de Araujo). *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 25 jun. 1878, p 2.

SILVA, Maria do Carmo Couto da. *A obra Cristo e a mulher adúltera e a formação italiana do escultor Rodolfo Bernardelli*. Campinas, 2005. 271p. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

ZAN, João Carlos. *Ramalho Ortigão e o Brasil*. São Paulo, 2009. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

